

RIO SHOW

Crítica: 'O condomínio'

Comédia pode ser lida como um ensaio sobre a empatia

Patrick pessoa

21/09/2018 - 04:08



Pedroca Monteiro e Sávio Moll, em cena da peça "O condomínio" Foto: Elisa Mendes / Divulgação



Newsletters ✉

PUBLICIDADE

Como compartilhar o mesmo prédio, o mesmo bairro, a mesma cidade, o mesmo país com o outro, o diferente, o que não pensa e não age igual a você? Como construir uma convivência baseada na aposta de que o diálogo é possível, a

despeito de todas as diferenças de
classe, cor, gênero, ideologia,
religião e opção sexual que
distinguem e não raro dividem as pessoas?

“A democracia é a pior forma de governo, com exceção de todas as demais.” Contra certas tendências totalitárias, a célebre frase de Churchill é o ponto de partida da peça “O condomínio”. Se por um lado o público é levado a rir das dificuldades e contradições inerentes à democracia participativa, por outro a comédia escrita por Pedro Brício e dirigida pelo autor em parceria com Alcemar Vieira pode ser lida como um ensaio sobre a empatia, a identificação afetiva, a possibilidade de nos colocarmos no lugar do outro.

A tese do espetáculo é clara: sem empatia, sem algum nível de amor às diferenças, não há democracia.

Esse ensaio sobre a empatia faz com que, desde a entrada no teatro, os espectadores sejam colocados no lugar desses outros que são os vizinhos de Domenico Pepino, o cantor e compositor cuja saga será narrada. Durante uma reunião de condomínio de um prédio em Copacabana, nós, os condôminos, somos confrontados com a seguinte questão: o que você faria se os latidos do cachorro da vizinha não te deixassem trabalhar e tampouco dormir? Como conciliar o desejo individual com o coletivo?

O enredo da peça, que assume as tintas rocambolescas de um filme noir lido em chave cômica, faz com que primeiro o cachorro e depois a sua dona sejam assassinados. Em tempos de perseguição à arte e aos artistas, é então natural que Domenico seja o suspeito número um. O desfecho de

sua história seria trágico, não fosse a ajuda do policial Raymond, cujo desejo de ser artista é mais forte do que o de apurar o crime.

A forma como a narrativa se constrói é o principal achado do espetáculo. Pedroca Monteiro, que lembra o Peter Sellers de “Um convidado bem trapalhão”, e Sávio Moll, cuja simpatia humaniza todos os personagens que lhe cabe viver — do policial ao empresário de Domenico, passando por seus vizinhos de prédio e pelo cachorro assassinado—, abusam das falas endereçadas diretamente ao público e nos obrigam a refletir sobre o mistério da identificação projetiva — da empatia! — como base do fenômeno teatral.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Ao obrigar também os espectadores a se colocarem no lugar de todos esses outros que povoam a cena, o jogo teatral proposto pelo texto de Pedro Brício adquire ressonâncias éticas e pedagógicas mais amplas: a arte do ator é apresentada como fundamental para a democracia, pois mostra que o encontro com o outro, ao contrário do que pregam os fascistas de plantão, não precisa ser traumático. Ao contrário. O encontro com o outro pode ser a maior diversão.

Onde: Sesc Copacabana — Rua Domingos Ferreira, 160 (2547-0156)

Quando: quinta a sábado, às 21h, e domingo, às 20h, até 30/09

Quanto: R\$ 30.

Classificação: 12 anos

O Globo, um jornal nacional: [Fique por dentro da evolução do jornal mais lido do Brasil](#)